

# OPINIÃO SOCIALISTA



Nº614

De 02 de junho  
a 16 de junho

Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu\_oficial



## FORA BOLSONARO E MOURÃO!

29M MOSTROU

# AS RUAS CONTRA BOLSONARO

**Não queremos Copa!**

**Queremos vacina, auxílio  
de R\$ 600 já e emprego!**

**Construir novas manifestações  
e greve geral sanitária**



**PDF INTERATIVO**

- CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE



## CHARGE



“ Tem de haver sacrifícios para que a Olimpíada aconteça ”



**Thomas Bach**, presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI). As Olimpíadas estão marcadas para ocorrer em julho, no Japão, e, apesar da pandemia estar longe de ser freada, o COI e o país-sede não querem perder os bilhões em patrocínios das grandes empresas nem que para que isso tenham que fazer “sacrifícios”...

## RACISMO

## Pazuello fez soldado negro arrastar carroça

Quem ouve o general e ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello baixar a cabeça para Bolsonaro e dizer que “um manda e outro obedece”, ou ficar mansinho diante da CPI no Senado, pode não fazer ideia de como ele se portava na caserna. Pois um episódio nada abonador da conduta do ainda general veio a público recentemente. Em 30 de maio, uma reportagem do Estadão revelou que, nos idos de 2005, Pazuello humilhou um soldado negro com requintes de crueldade.

Comandando o quartel do Depósito Central de Munições do Exército, em Paracambi (RJ), o futuro ministro observou dois soldados passando com uma carroça. Mandou os dois pararem, soltarem o cavalo e ordenou que o recruta Carlos Vitor de Souza Chagas, um soldado negro de

apenas 19 anos, tomasse o lugar do animal e puxasse a carroça nas costas. Isso tudo diante das gargalhadas do quartel.

Pra piorar, o soldado negro nem estava guiando o cavalo, mas foi escolhido por Pazuello para o papel, o que fez com que Chagas percebesse que estava sendo vítima de racismo. “Pelo meu tio eu botava para frente (na Justiça), mas eu dei mais ouvido ao meu pai, que é evangélico, por medo de represália”, declarou o jovem.

Aberto um inquérito para apurar o caso, a defesa de Pazuello se justificou da seguinte maneira: “Há aspectos pessoais da vida de Pazuello que demonstram sua familiaridade e, sobretudo, amor aos equinos.” Como sempre, deu em nada.

De família rica, dona de empresas de transportes no Ama-



zonas, o general ascendeu no Exército através das “costas quentes”. Provavelmente por isso se deu à liberdade de praticar o mais odioso racismo e pisar nos que considera inferiores, sem temor algum de punição. Qualquer semelhança com o Pazuello de hoje não é mera coincidência.

## EXPERIENTE

## Avião da FAB faz nevar

Lembram do sargento da Força Aérea preso na Espanha carregando, tranquilamente, 39 quilos de cocaína numa comitiva de Bolsonaro? Pois, agora, se descobriu que o sargento Manoel Silva Rodrigues não era marinheiro de primeira viagem. O oficial traficou cocaína pelo menos sete vezes em viagens diplomáticas, todas dentro de aviões da FAB.

O esquema revela o envolvimento de pelo menos outros quatro militares, incluindo o tenente-coronel Augusto César Piovesan, do GSI (Gabinete de Segurança Institucional), responsável por escalar



os oficiais nessas viagens não tão diplomáticas.

O único que está preso, evidentemente, é o sargento Manoel, pego com a boca na botija na Espanha. Os militares traficantes daqui estão livres, leves e soltos. E, sem dúvidas, sem qualquer te-

mor de tomar tiro ou esculacho da polícia como os moradores das comunidades e favelas país afora, mesmo quando são apenas portadores ou usuários e não traficantes internacionais, como os acompanhantes de Bolsonaro.



## Expediente

**Opinião Socialista** é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

**JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555)

**REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

**DIAGRAMAÇÃO** Luciano Lasp

**IMPRESSÃO** Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

**(11) 9.4101-1917**

✉ [opinio@pstu.org.br](mailto:opinio@pstu.org.br)

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000





# Depois do 29M

**A**s manifestações do dia 29 de maio foram expressivas pelo tamanho e pela abrangência. Foram a antítese das aglomerações bolsonaristas. Estas, de extrema direita em defesa do negacionismo e da ditadura, têm sido pequenas. O 29M, ao contrário, mostrou que as ruas estão contra Bolsonaro. Expressou a raiva crescente contra este governo e defendeu vacina, auxílio emergencial e lockdown.

Com máscaras e o máximo de distanciamento possível, os manifestantes só enfrentaram os riscos da pandemia por acreditarem ser necessário dar um basta ao governo. Se não fosse pela pandemia, os protestos com certeza teriam sido muito, mas muito maiores.

As manifestações foram possíveis devido à enorme pressão sobre as direções majoritárias exercida pela base do ativismo e por um setor social que não aguentava mais assistir inerte ao genocídio. Essa pressão possibilitou uma convocação ampla e unitária.

Mesmo assim, enquanto a base do PT e a maioria de sua direção convocaram os atos, Lula permaneceu em silêncio, sendo que outra parte da direção se colocou contra, como o vice da sigla, Quaquá, o governador da Bahia, Rui Costa, e a direção estadual do PT de Pernambuco.

## DOIS CAMINHOS EM DEBATE

Depois do 29M, há dois debates: o que fazer agora e depois. Um setor quer colocar os pés no freio das mobilizações como melhor caminho para a estratégia de “deixar Bolsonaro sangrar” até as eleições em 2022. Para nós, isso é um erro sob todos os aspectos. Precisamos lutar para derrubar Bolsonaro e Mourão e seu governo genocida já; não podemos esperar as eleições. Nesse sentido, é necessário dar continuidade à luta e a novas manifestações de forma unitária. Quando fechávamos esta edição, a coordenação da “Campanha Fora Bolsonaro” indicava o dia 19 de junho como data de novos protestos.

Deve-se levar em conta, é evidente, os momentos da pandemia quando se definir o calendário de

manifestações de rua, mas a luta deve seguir. E, sem nenhuma, é preciso discutir a construção de uma greve geral sanitária, que é uma forma de mobilização massiva mais forte, que bate mais duro no coração do governo e muito adequada à pandemia, pois impede a circulação do vírus.

O segundo debate é sobre o projeto para o país e sobre o que colocar no lugar deste governo, agora ou depois. O PT e a maioria do PSOL defendem uma frente ampla com a burguesia (banqueiros, grandes empresas, latifundiários e seus partidos), encabeçada por Lula em aliança com os capitalistas. Para o PSTU, a necessidade é a construção de uma alternativa de independência de classe, contra a burguesia e seus representantes.

Uma coisa é cogitar voto crítico num segundo turno para impedir a vitória de uma candidatura que defenda um projeto de ditadura. Outra bem diferente é querer atrelar a classe trabalhadora a um projeto, a uma candidatura e a um governo de conciliação, com um programa limitado a este sistema, que foi justamente

o que nos trouxe à situação atual, inclusive a Bolsonaro.

## UM PROGRAMA E UM PROJETO DE CLASSE E SOCIALISTA PARA ENFRENTAR O GENOCÍDIO E A CRISE SOCIAL

Para além do “Fora Bolsonaro e Mourão”, precisamos discutir um projeto de país que resolva as nossas mazelas históricas. Que garanta vacina para todos já, com a quebra das patentes, auxílio emergencial de R\$ 600 enquanto durar a pandemia (que deveria inclusive ser de pelo menos um salário mínimo), estabilidade no emprego e manutenção dos direitos. Mas não só isso: que resolva o problema do desemprego, da carestia, da fome, da moradia, do genocídio da juventude negra e dos povos indígenas e que interrompa a destruição do meio ambiente, a entrega das estatais e do país à rapina dos capitais e dos especuladores internacionais.

Só há uma forma de fazer isso: lutar por um projeto da classe trabalhadora que ataque os banqueiros, os grandes empresários, as multinacionais

e os bilionários, que enriquecem cada vez mais com a nossa morte e a nossa miséria. Um programa que imponha a quebra das patentes das vacinas, a suspensão do pagamento da fraudulenta dívida pública aos banqueiros, a taxação em 40% das fortunas dos 65 bilionários, bem como pare a privatização da Eletrobras, dos Correios e da Petrobras e reestatize as estatais privatizadas; e ainda que estatize a saúde privada e os bancos.

Um programa que garanta o fortalecimento do SUS, a estabilidade no emprego, a redução da jornada de trabalho sem diminuição dos salários, a revogação das reformas trabalhista e previdenciária, carteira assinada e direitos para os trabalhadores de aplicativos e para todos os que trabalham de forma precária, reforma agrária sob controle dos trabalhadores, titulação e regulamentação das terras indígenas e quilombolas e um plano de obras públicas e geração de empregos que universalize o saneamento básico e a moradia popular.

Um programa que garanta auxílio, subsídio e isenção às

pequenas empresas. Que interrompa os cortes na Educação e aumente os investimentos, do ensino básico ao universitário, em ciência e pesquisa. Um programa que enfrente as grandes mineradoras e os madeireiros e que defenda o meio ambiente e as populações indígenas massacradas pelo governo. Que pare o genocídio da juventude negra e garanta os direitos das LGBTQs e das mulheres.

Precisamos, enfim, discutir um novo modelo de sociedade, já que o capitalismo só nos relega à morte, à fome e ao desemprego. Por isso, precisamos construir uma alternativa, um polo proletário e socialista que defenda a independência da classe trabalhadora da burguesia para lutar por outra sociedade, por uma revolução socialista que liberte o país do projeto de recolonização e espoliação a que está amarrado e liberte a classe trabalhadora, o povo pobre e o pequeno proprietário da exploração, da fome e da degradação.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/OYFLI](https://pstu.ml/oyfli)



Ato em SP no 29M.

Foto: Rafael Hipolito @raw.finha



## TRABALHO

# Crise social: a pandemia do desemprego



**ROBERTO AGUIAR,**  
DE SALVADOR (BA)

O desemprego já vinha crescendo no Brasil mesmo antes da pandemia. Em fevereiro de 2020, um mês antes da Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar pandemia do novo coronavírus, a taxa de desemprego em nosso país era 11,6%, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o que correspondia a 12,3 milhões de desempregados.

Mas, se Bolsonaro está sendo omissivo no combate ao vírus,

não seria diferente em relação ao desemprego. A falta de políticas públicas para gerar novos empregos e manter os já existentes fez com que o número de desempregados aumentasse. Dados do IBGE apontam que, no 1º trimestre de 2021, o desemprego subiu para 14,7% e atingiu o recorde de 14,8 milhões de brasileiros. É a maior taxa e o maior contingente de desocupados já registrados pela série histórica do IBGE, iniciada em 2012.

“Estou desempregado desde maio do ano passado. De lá pra cá, venho batalhando por uma vaga de emprego e não consi-



go. Tenho vivido com o auxílio emergencial, que não dá pra muita coisa, e de bicos, que faço quando surge uma oportunidade. A situação tá muito difícil e

não acho que vá melhorar tão cedo”, diz Wellington Corrêa, operário da construção civil.

Em um ano, assim como Wellington, outros 1.956 milhão

de pessoas entrou nas estatísticas do desemprego. Desse total, 880 mil pessoas perderam os empregos somente nos três primeiros meses de 2021. Em um ano, também houve redução de 6,6 milhões de postos de trabalho no país.

A tendência é de piora, segundo cálculos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), com base em dados IBGE. Em março, a taxa de desemprego no Brasil já estava em 15,1%, com 15,2 milhões de pessoas em busca de trabalho.

**LEIA NO SITE:**  
[HTTPS://PSTU.ML/MOTWO](https://pstu.ml/motwo)

## TRAGÉDIA SOCIAL

# Falta trabalho para 33,2 milhões

Quando analisamos o conjunto dos dados da pesquisa do IBGE, referente ao primeiro trimestre deste ano, nota-se que falta trabalho para 33,2 milhões de brasileiros.

Temos 14,8 milhões de desempregados (pessoas que não trabalham, mas procuraram empregos nos últimos 30 dias); 7 milhões de subocupados (pessoas que trabalham

menos de 40 horas por semana, mas gostariam de trabalhar mais) e 11,4 milhões de pessoas que poderiam trabalhar, mas não trabalham. Neste último grupo estão incluídos 6



milhões de desalentados; ou seja, aqueles que desistiram de procurar emprego, e outras 5,4 milhões que podem trabalhar, mas que não têm disponibilidade por algum motivo, como

mulheres que deixaram o emprego para cuidar os filhos.

Ao somarmos todos os esses números, chegamos ao total de 33,2 milhões de pessoas que precisam de trabalho no Brasil.

## RAIO-X DO DESEMPREGO

**14,8 MILHÕES**  
**DE DESEMPREGADOS**

**6 MILHÕES**  
**DE DESALENTADOS**

**7 MILHÕES**  
**SUBOCUPADOS**

**5,4 MILHÕES**  
**QUE PRECISARIAM TRABALHAR**  
**MAIS, MAS NÃO PODEM**

FONTE IBGE

## OPRESSÕES

# Retrato do desemprego no Brasil: mulheres, negros, jovens e com baixa escolaridade

O desemprego no Brasil tem gênero, raça, idade e nível de escolaridade: mulheres, negros, jovens e pessoas com baixa escolaridade. Esse é o retrato revelado pela pesquisa do IBGE.

A taxa de desemprego entre as mulheres atingiu 17,9% no 1º trimestre, a maior da série histórica. Acompanhando uma tendência de crescimento, que vem desde primeiro trimestre do ano passado, quando a taxa de desemprego en-

tre as mulheres estava em 14,5% e saltou para 16,4%, no quarto trimestre de 2020.

A pesquisa mostra que as mulheres têm uma rotatividade maior ou uma permanência menor no mercado de trabalho, quando comparadas aos homens. São as primeiras a serem demitidas, embora elas tenham maior nível de escolaridade. O IBGE também destaca que as mulheres ganham 77,7% do salário dos homens.

Quanto à questão racial, o desemprego é maior entre pretos e pardos (de acordo com a classificação do IBGE, considerados todos “negros”, pelos movimentos) que entre os brancos. Enquanto entre estes a taxa ficou 19,04% abaixo da média geral (lembramos, de 14,7%), entre os pretos e pardos ela superou a média em, respectivamente, 26,53% e 14,96%.

Já quanto à idade, os jovens de 18 a 24 anos são os que mais so-

frem com o desemprego, segundo o IBGE. Entre eles, a taxa ficou em 31%, superior ao dobro da média nacional (14,7%).

Na análise por nível de escolaridade, a taxa de desocupação para as pessoas com ensino médio incompleto (24,4%) foi a mais alta. Para as pessoas com nível superior incompleto, a taxa foi 17,5%, mais que o dobro da verificada para o nível superior completo (8,3%).



**BARRAR OS ATAQUES, GERAR EMPREGO E RENDA**

# Bolsonaro e Guedes **promovem demissões e atacam direitos**

Durante todo o período da pandemia, Bolsonaro não tomou medidas concretas para proteger os empregos. Sua preocupação central foi salvar o lucro dos capitalistas.

Em abril do ano passado, o governo federal lançou o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e Renda, a MP 936, que permitiu reduzir a jornada e os salários dos trabalhadores, a custa de uma estabilidade provisória. No entanto, sem uma lei que proibisse as demissões, passada a estabilidade prevista na MP, houve uma onda de dispensas.

Em nome do lucro, a patronal se aproveitou para demitir em massa, impor acordos salariais rebaixados, “lay off” (suspensão temporária do contrato de trabalho) e Programas de Demissão Voluntária (PDV). Além disso, o atraso e as falhas para liberação do crédito às pequenas empresas levaram milhares de pequenos negócios à falência.

Outro ataque de Bolsonaro foi a tal da “carteira verde e amarela”, que criou um regime de subcontratação em que o trabalhador recebe por hora trabalhada e sem direitos. Tudo isso com uma

campanha de “fake news”, vendendo a ideia de que o objetivo era gerar empregos.

Reduzir direitos não gera mais empregos. Os dados do IBGE mostram isso, já que o desemprego só cresce no Brasil. Ao invés de gerar empregos, essas medidas de Bolsonaro e Paulo Guedes incentivam as empresas a demitirem os trabalhadores, com mais direitos para contratar trabalhadores com salários e direitos rebaixados. Além disso, achata o salário de todos os trabalhadores, pois legaliza o trabalho precário.



## PROGRAMA

### **PARA GARANTIR EMPREGO, RENDA E CONDIÇÕES SOCIAIS, DEFENDEMOS:**

- Um plano de geração de empregos, com construção de hospitais, rede de saneamento básico e moradia;
- Aprovação de uma lei que proíba as demissões durante toda a pandemia, reintegração dos demitidos e estatização das empresas que demitirem;
- Redução da jornada de trabalho, sem redução de salários e direitos;
- Auxílio emergencial de no mínimo de R\$ 600 para todos os desempregados, até o final da pandemia;
- Isenção do pagamento de aluguel, água, energia elétrica e gás;
- Revogação imediata das reformas Trabalhista e Previdenciária.

## AUXÍLIO-EMERGENCIAL



### **BOLSONARO: “QUEM QUER MAIS, É SÓ IR AO BANCO E FAZER EMPRÉSTIMO”**

Assim como faz em relação às vidas das pessoas, Bolsonaro também debocha da situação de pobreza e miséria, pela qual também é responsável. Além de conceder um arremedo de auxílio-emergencial, ele respondeu às críticas em relação ao irrisório valor do benefício, mandando os descontentes fazerem “empréstimos” no banco.

“Como é endividamento por parte do governo, quem quer mais, é só ir ao banco e fazer empréstimo”, disse o genocida em conversa com apoiadores, no famoso cercadinho do Planalto. O auxílio que o governo paga desde abril (de R\$ 150 a R\$ 375, sendo o valor médio de R\$ 250) não cobre nem uma cesta básica. Levantamento do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) mostra que a cesta de produtos essenciais custava, em março, R\$ 626, em São Paulo; R\$ 623, em Porto Alegre e R\$ 612, no Rio de Janeiro.

E como se não bastasse o valor que, em si, já é um deboche, o auxílio será em apenas quatro parcelas, devendo terminar em julho.

Mas isso não preocupa Bolsonaro, que aumentou seu próprio salário para R\$ 41,6 mil, com uma canetada mês passado, torrou R\$ 2,4 milhões nas férias e se esbaldou com os amigos com um churrasco de R\$ 1,8 mil.



## PANDEMIA

# Enquanto o Covid avança, Bolsonaro autoriza Copa América no Brasil



**JEFFERSON CHOMA,  
DA REDAÇÃO**

**E**nquanto o miliciano Bolsonaro oferece o país como sede à Copa América, a terceira onda da pandemia avança e o sistema de saúde já dá sinais de um novo colapso. O maior sinal de que uma nova tragédia bate à porta é o aumento da média móvel de contaminação, da taxa de contágio e da ocupação de leitos de UTIs. Oficialmente, o Brasil acumula mais de 464 mil mortes até o dia 1º de junho.

A reabertura quase que total das atividades, a total falta de controle para impedir a entrada de novas cepas e tudo o mais, impulsionado pelo genocida Bolsonaro, está fazendo do país um criadouro para novas cepas do vírus. Claro que tudo isso também contou com a cumplicidade ou com a colaboração direta de governadores e prefeitos, inclusive os da oposição.

## CRIADOURO DE CEPAS

A cepa indiana (B.1.617) já começou a circular em território nacional. Vale lembrar que essa cepa está relacionada ao pior momento da pandemia na Índia e provou entre 20 a 25 mil mortes diárias naquele país, estimam especialistas, uma vez que os números oficiais do governo são pra lá de subnotifica-

dos. Mas por aqui já estão circulando outras variantes extremamente contagiosas, como a sul-africana (B.1.351) e a britânica (B.1.1.7). Também foi detectada uma nova variante brasileira no interior do estado de São Paulo, a P.4. Ela pode estar por trás do aumento de números de casos registrados recentemente na região e que está levando ao colapso da saúde.

O que sabemos é que a variante indiana é mais transmissível, e ela pode dominar a P.1, que é a mais frequente no momento e provocou o colapso de abril. Isso significa que a cepa indiana tem uma mutação que a ajuda a escapar dos anticorpos, inclusive daqueles que já foram contaminados. Mas a variante P.4, identificada em São Paulo, também tem uma mutação semelhante. Ou seja, independentemente de qual for a variante que predomine, é absolutamente certo que o vírus vai se alastrar numa velocidade ainda maior do que vimos nos primeiros meses do ano. Não por acaso, pesquisadores da Universidade de Washington afirmam que em agosto poderemos ultrapassar os 600 mil óbitos.

## COLAPSO

Novos sinais de colapso da saúde já ocorrem em diversos estados brasileiros, como Rio de Janeiro,



Amapá, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e interior de São Paulo.

Em Santa Catarina, 15 de suas 16 regiões estão hoje em situação gravíssima. A atual taxa de ocupação de UTIs catarinenses é de 96%. No Mato Grosso do Sul, a ocupação dos leitos de UTI da capital Campo Grande está em 101%, e a fila por leito no estado tem 231 pessoas, até o último dia 31. Em Curitiba (PR) a taxa de ocupação de UTIs está em 104%, e a luta por novos leitos chega a 1.222. No Rio de Janeiro, nove em cada dez leitos no estado estão ocupados. No Amapá, sete em cada dez estão ocupados. No interior de São Paulo, muitas cidades já estão colapsadas, como é o caso das regiões de Ribeirão Preto e Franca, onde pessoas morrem

em leitos de pronto-socorros ou Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), enquanto esperam a abertura de uma vaga em UTI.

## FALTA DE VACINAS

O Brasil vai descobrindo na CPI da pandemia os detalhes sórdidos que causaram a falta de vacinas no país.

Depois de o governo recusar por três vezes comprar a vacina da Pfizer, o diretor do Butantan, Dimas Covas, disse na CPI que o Brasil poderia ter sido o primeiro país a iniciar a vacinação no mundo, caso resolvesse comprar o imunizante produzido pelo instituto. Dimas afirmou que uma oferta inicial foi feita ao governo federal em julho de 2020, com a previsão de entrega de 60 milhões de doses da Coronavac até

dezembro do mesmo ano. Essa quantidade seria suficiente para imunizar com duas doses os cerca de 29 milhões de brasileiros com 60 anos ou mais.

Mas as negociações não foram feitas porque Bolsonaro se recusou a fazer o acordo com o Butantan, chamou a Coronavac de “vachina” e “mandou cancelar” a compra do imunizante. Assim, o contrato só foi assinado em 7 de janeiro.

O Brasil poderia ter poupado a vida de até 89,7 mil idosos se o governo federal tivesse aceitado a primeira proposta de vacinas feita pelo Butantan. Essa é a estimativa feita com base nos dados da base Sivep-Gripe, sistema federal que traz registros de internações e mortes por Covid-19 e outras doenças respiratórias, publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Hoje apenas 21 milhões de pessoas estão totalmente imunizadas com as duas doses (10% da população). Enquanto isso, o governo mente copiosamente sobre a quantidade de vacinas. Dizia que receberíamos 43,8 milhões de doses, mas agora informa que o Brasil vai receber 10,4 milhões a menos em junho. Por esse motivo, uma em cada cinco cidades brasileiras têm enfrentado falta de vacinas, segundo a Confederação Nacional dos Municípios (CNM).

**LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/BAOND](https://pstu.ml/baond)**

## CPI

# O gabinete da morte de Bolsonaro

Os depoimentos da CPI do Senado têm revelado ao país a existência de um “gabinete paralelo” que indicava a Bolsonaro as diretrizes para atuar frente à pandemia. Entre as medidas, está a adoção do chamado “tratamento precoce”, entroncando indiscriminadamente cloroquina na população, o que é comprovadamente ineficaz contra a Covid-19.

O tal gabinete também reunia opositores do isolamento social e defensores da estraté-

gia da imunidade de gado, adotada por Bolsonaro. Ou seja, a estratégia de estimular a circulação e a contaminação em massa da população até que ela supostamente adquira imunidade coletiva. Mas a imunidade de rebanho não existe, e a livre circulação do vírus apenas produziu novas cepas mais virulentas e mortíferas. O resultado da estratégia de Bolsonaro e seu gabinete da morte são os quase meio milhão de mortos pelo país.

A CPI tem, portanto, um farto material para incriminar Bolsonaro, seu gabinete do ódio, aprovar seu impeachment e colocá-lo na cadeia. Mas ao que parece o jogo não é esse, nem da direção da CPI, nem da oposição parlamentar capitaneada pelo PT. Na verdade, eles querem manter a estratégia de sangrar Bolsonaro, visando as eleições de 2022. Mas até lá quem vai continuar sangrando mesmo será o Brasil, que pode chegar a até um mi-



**A médica Hitomi Yamaguchi sugeriu mudar a bula cloroquina**

lhão de mortos na maior tragédia da sua história. Isso transforma a oposição em cúmplice

do genocídio bolsonarista. Um crime do qual o povo não pode jamais esquecer.

A COPA DA MORTE

# Bolsonaro vai realizar Copa América pra comemorar 500 mil mortes

A cartolagem do futebol anunciou que o Brasil aceitou sediar a Copa América, depois que o governo da Argentina cancelou o evento em seu território devido ao recrudescimento da pandemia. Por lá, a Covid-19 já vitimou mais de 77 mil argentinos.

**M**as, desde que foi anunciada a realização da Copa América no Brasil, uma profunda indignação tomou as redes sociais. Afinal, a realização do evento no país que está em segundo lugar no mundo em mortes na pandemia e às portas de uma terceira onda é um tapa na cara das autoridades sanitárias e das famílias dos milhares de vítimas do genocida Bolsonaro. Até mesmo o narrador Galvão

Bueno classificou a iniciativa como uma “loucura”.

Mas o anúncio também escancarou a covardia e cumplicidade genocida dos governos estaduais, como o de João Doria (PSDB), que topou abrigar jogos da Copa em São Paulo, e só recuou diante da péssima repercussão do caso.

O governo assumiu a Copa América em uma resposta populista aos atos do dia 29 de maio, que levaram milhares às ruas pelo Fora Bolsonaro. Na antiga Roma, os imperadores

procuravam manter a estabilidade social distribuindo pão e realizando jogos no Coliseu, o que ficou conhecido como a política do “pão e circo”. Bolsonaro a recria. Contudo, diante dos mais de 14 milhões de desempregados e 19 milhões de famintos, ele dispensou o “pão” para fazer o seu circo da morte.

A realização da Copa América no Brasil é um escândalo, mais um absurdo insano patrocinado pelo genocida Bolsonaro. Ao lado da asquerosa car-



tolagem do futebol, o genocida vai comemorar durante a Copa a marca de 500 mil mortos no Brasil gritando “goool!!!”.

## CAPITALISMO E PANDEMIA

# Mais de 1,7 milhão de pessoas morreram quando já havia vacinas



Enquanto faltam imunizantes no Brasil e também nos países mais pobres, no centro no capitalismo sobra tanta vacina que elas poderão estragar. No Canadá, por exemplo, milhares de doses da vacina da Oxford/AstraZeneca expiram seu prazo de validade nos próximos dias. O país tem 400 milhões

de doses para 38 milhões de habitantes.

Já os EUA iniciaram sua reabertura com quase metade da população vacinada. Burgueses endinheirados aqui do Brasil estão indo para lá se vacinar.

O motivo pra estar faltando vacina nos países periféricos do sistema são as patentes da

grande indústria farmacêutica, o que dá a elas a exclusividade da sua produção e comercialização. Assim, a indústria farmacêutica fatura milhões, impedindo que países como o Brasil fabriquem vacinas utilizando sua capacidade produtiva.

A manutenção das patentes mostra bem a real face do capitalismo: das mais de 3,5 milhões de mortes por Covid-19 pelo mundo, metade (1,7 milhão) ocorreu de 1º de janeiro para cá, ou seja, quando já havia vacinas desenvolvidas, aprovadas e sendo usadas. Como podem morrer tantas pessoas de uma doença que já tem vacina? Essa é a realidade do capitalismo, que despreza a vida em prol dos lucros. A única saída é a quebra imediata das patentes para permitir a fabricação em massa dos imunizantes.

## PROGRAMA

### VACINA PARA TODOS JÁ! FORA BOLSONARO E MOURÃO!

Bolsonaro é o maior militante a favor do vírus. Seu governo de morte é um obstáculo para a vacinação. Tirá-lo de lá é condição fundamental para enfrentar a pandemia e salvar vidas.

### QUEBRAR AS PATENTES E INVESTIR EM TECNOLOGIA

A saída para deter a pandemia e salvar vidas é enfrentar os monopólios e quebrar as patentes das vacinas, juntamente com investimento massivo em tecnologia para produzi-las em nosso país.

### LOCKDOWN POR 30 DIAS JÁ!

O lockdown combinado com vacinação em massa é uma necessidade para deter a circulação do vírus, de suas variantes mais perigosas e a terceira onda. Mas para garanti-lo é preciso auxílio emergencial de um salário mínimo, ajuda financeira e suspensão de taxas aos pequenos empresários e medidas para proteção dos empregos.



29M

# Brasil tem as maiores manifestações contra o governo Bolsonaro na pandemia

Protestos pelo “Fora Bolsonaro”, vacina já, auxílio emergencial e emprego ocorreram em mais de 200 cidades



DA REDAÇÃO

O dia 29 de maio foi o maior dia de manifestações contra o governo Bolsonaro desde que começou a pandemia. As principais capitais foram tomadas por grandes atos que reuniram dezenas de milhares de pessoas.

Para além de expressivos atos em quase todas as capitais, houve o registro de protestos em mais de 200 cidades em todas as regiões, mostrando uma grande capilaridade do movimento pelo interior. Em todo o país, reuniram-se centenas de milhares de pessoas, mesmo sob a pandemia, refletindo a pressão e a vitória de uma ampla camada de ativistas que pressionavam pela organização de uma forte mobilização contra o genocídio promovido pelo governo Bolsonaro e suas aglomerações golpistas, negacionistas e autoritárias.

Os ventos do Paraguai, do Chile, dos EUA e da Colômbia, combinados com a indignação

contra o governo e a escalada genocida, assim como o descontentamento em esperar até 2022, moveram essa base ativista para pressionar as direções majoritárias a convocarem de forma unitária o 29M. Os atos reuniram uma ampla vanguarda por todo o país, que, por sua vez, era saudada e apoiada pelas massas.

Em comum, tinham a demonstração da indignação e da revolta contra o governo, entalada na garganta desde março passado, cujas panelas e posts nas redes sociais não mais tinham condições de expressar. Nas palavras de ordem: “Fora Bolsonaro!”, “Vacina já!” e “Por auxílio emergencial!”.

Além da forte presença de setores organizados, partidos de esquerda, movimentos sociais, entidades estudantis e populares, organizações sindicais, negros, mulheres e demais setores oprimidos e indígenas, houve uma importante participação de ativistas não organizados, em sua maioria jovens trabalhadores,

muitos precarizados, e também de estudantes, principalmente a juventude universitária e da periferia, que não estão ligados a nenhuma organização, munidos de faixas e cartazes escritos a mão.

## É POSSÍVEL BOTAR ABAIXO ESSE GOVERNO

O 29M foi uma importante derrota do governo Bolsonaro. Mostra que ele hoje é minoritário e que cresce cada vez mais a indignação com o seu governo. As manifestações mostraram ainda que, se não fosse a pandemia, certamente teríamos protestos de massas contra seu governo há tempos.

Há capacidade de luta por baixo. É preciso avançar a organização de base, pressionar para seguir com as mobilizações e defender a organização de uma greve geral sanitária, que abale de vez esse governo, batendo com peso no seu principal sustentáculo: o capital, os capitalistas e seus representantes.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/UA1KQ](https://pstu.ml/ua1kq)



SÃO PAULO (SP)



BELÉM (PA)



MARANHÃO (MA)



PORTO ALEGRE (RS)



RIO DE JANEIRO (RJ)



SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)



MANAUS (AM)



BELO HORIZONTE (MG)



**CHEGA DE VACILAÇÃO**

# Lideranças precisam se jogar na construção da unidade para botar abaixo o governo

O 29M foi definido durante a 3ª Plenária Nacional de Organização das Lutas Populares, que reuniu um amplo espectro de forças e organizações de oposição no dia 11 de maio. Pressionadas pela base, as direções dos principais partidos e organizações foram obrigadas a convocar de forma unitária a mobilização. Ao contrário do que muitos dirigentes afirmavam, o 29M mostrou que a classe não está derrotada e que, ao contrário, há muita disposição de luta cada vez mais radicalizada por baixo.

Como o PSTU e organizações como a CSP-Conlutas defende-

ram desde o início da pandemia, esse chamado à luta mostrou a importância da mais ampla unidade de ação na luta para colocar abaixo o governo genocida de Bolsonaro. E que é possível derrubá-lo.

É necessário dar continuidade às mobilizações, e continua sendo necessária a unidade para lutar. Portanto, o esforço para seguir construindo ações unitárias é fundamental. Foi vergonhosa a posição de algumas lideranças como a do vice-presidente nacional do PT, Washington Quaquá, que atacou a organização das manifestações, chamando o

povo, pela imprensa, a não ir nos atos. Assim como as direções das maiores centrais sindicais, como Força Sindical e inclusive a CUT que, em vários estados, que não jogaram peso na mobilização de suas bases.

Outro episódio que não pode passar batido é a brutal repressão da Polícia Militar do governador Paulo Câmara (PSB) em Recife (PE), cujo vice é do PCdoB. Pernambuco é o estado no qual o PT chamou a base a acatar uma decisão arbitrária do Ministério Público Federal (MPF) que proibia o ato, desconvocando o 29M.

**O QUE FAZER**

## Agora é avançar na luta para derrotar Bolsonaro, o genocídio e a crise social

É preciso seguir com a luta e fortalecer o movimento rumo a uma greve geral sanitária

A adesão de setores dirigentes dos partidos da oposição parlamentar aos atos do 29M não significa uma mudança da orientação de desgastar Bolsonaro até 2022, e pode levar um setor a querer impor um freio às manifestações. Contudo, as vozes ouvidas das ruas mostram que essa pode ser uma tragédia anunciada. Enquanto Bolsonaro estiver no poder, vai avançar o genocídio, tendo tempo e condições ainda de fortalecer seu projeto de ditadura, articulando sua base miliciana e paramilitar, incidindo ainda mais na base das Forças Armadas e das polícias militares.

Agora que Bolsonaro se vê cada vez mais enfraquecido, é hora de fazer avançar essa luta de forma unitária e dar continuidade às mobilizações. Enquanto fechávamos esta edição, a coordenação da “Campanha Fora Bolsonaro” indicava o 19 de junho como data para novas manifestações. É importante ampliar a mobili-

zação e avançar na preparação de uma Greve Geral sanitária (parando todos os setores não essenciais). Esse é o instrumento mais efetivo para enfrentar o governo e o grande capital que o sustenta, aumentando seu isolamento para pôr abaixo seu bando de genocidas e milicianos encastelados no Planalto.

É fundamental manter a unidade na organização e na preparação dos atos. Ao mesmo tempo, ganha cada vez mais importância a auto-organização embaixo, dos trabalhadores, da juventude, nas periferias etc.

### AVANÇAR NA CONSTRUÇÃO DE UM POLO CLASSISTA E SOCIALISTA

Ao mesmo tempo em que fortalecemos a luta unitária para botar abaixo Bolsonaro com todos os setores que estejam dispostos a isso, é fundamental construirmos um polo classista e socialista, que nessa luta nos permita avançar num projeto de país e de sociedade para



não só derrotar este governo, mas para mudar de fato a vida. Um projeto e um programa diferente dos governos que, além de não resolverem os problemas históricos da classe trabalhado-

ra, fizeram com que chegássemos a Bolsonaro e à situação de calamidade na qual nos encontramos hoje. Precisamos construir na luta esse polo e outro projeto, um projeto socialista.

**VEJA MAIS**

CLIQUE NO QR-CODE  
AO LADO E ASSISTA  
A COBERTURA  
COMPLETA DO 29M



JUVENTUDE

# A juventude brasileira foi às ruas barrar o genocídio



**REBELDIA - JUVENTUDE DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA**

Neste 29M, jovens indignados contra o governo Bolsonaro estiveram presentes nos protestos em todo o país, motivados pela certeza de que, neste momento, a manutenção do atual governo é mais perigosa que o próprio vírus. Os atos foram uma resposta, em primeiro lugar, ao agravamento da pandemia. Uma demonstração de que o povo brasileiro sabe que o governo federal é responsável pelos mais de

450 mil mortos. E que, para barrar o genocídio, é preciso derrubar Bolsonaro.

**A JUVENTUDE NÃO QUER MORRER DE FOME, DE BALA DA POLÍCIA OU COM O VÍRUS**

Não é à toa que a juventude era maioria nas manifestações. Se não há vacinas suficientes nem para os idosos e as pessoas com comorbidades, imagine para os jovens. Perspectiva de vacinação? Se depender de Bolsonaro, nenhuma.

Sem condições de fazer iso-

lamento social, para a maioria só resta correr risco, todos os dias, de ir trabalhar no meio da pandemia. Mas, grande parte sequer tem trabalho. Nem auxílio emergencial. E se o desemprego já está alarmante para o conjunto da população, na juventude é pior ainda. Os empregos destinados aos jovens são precários e sem direitos mínimos, como no telemarketing ou como entregadores dos serviços de aplicativos. É, além disso, a juventude negra ainda é alvo da violência racista e das balas das polícias nas periferias.



LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/C60Y4](https://pstu.ml/c60y4)

PELO PRESENTE E O FUTURO

## Sem acesso a empregos dignos e à educação decente, a juventude vai à luta!

Falam que temos que estudar para conseguir melhores empregos, como se fosse possível ascender socialmente, através do esforço individual, numa sociedade capitalista como a nossa. Mas, viver e sobreviver, neste mundo, não tem nada a ver com esforço. Ou será que o povo trabalhador, que acorda cedo e trabalha o dia inteiro, não se esforça para melhorar de vida?

O problema é que a riqueza que a maioria produz, através de seu esforço e trabalho, vai

parar nas mãos de um punhado de ricos.

E, além disso, não conseguimos sequer ter acesso ao básico da educação. E na pandemia a situação está ainda mais caótica. Primeiro, hipocritamente, colocaram a Educação como serviço essencial, para fazer pressão pela volta às aulas, expondo milhões de estudantes e profissionais da educação ao risco. Depois, cortaram mais de R\$ 1 bilhão de verbas do setor, o que tem feito que muitas universidades anunciem

que não vão conseguir funcionar mais. O dinheiro da Universidade Federal Fluminense (UFF), por exemplo, acaba em julho.

**ATOS DA JUVENTUDE PELA VIDA VERSUS AGLOMERAÇÕES NEGACIONISTAS DE BOLSONARO**

Por que fomos às ruas no meio da pandemia, com risco de sermos contagiados? Talvez porque, diante de todos os riscos que corremos, dia após dia, como a falta de perspectiva de

vida, a manifestação seja o lugar mais seguro para se estar. O único lugar onde podemos garantir não só nosso presente, mas também o futuro.

Não adianta que os defensores do governo venham, agora, com a cara de pau, tentar usar as manifestações do dia 29 de maio como um salvo-conduto e “justificativa” para as aglomerações promovidas por Bolsonaro. Todos sabem que as manifestações feitas por Bolsonaro servem à sua política negacionista e de morte.

As manifestações do dia 29 ocorreram com todos usando máscaras e adotando protocolos de segurança sanitária. Não ocorreram porque a juventude ignora a pandemia ou acha que é só uma gripezinha. Ou que tanto faz, ou não, respeitar as medidas sanitárias. Pelo contrário, os protestos aconteceram porque são o único caminho para garantirmos as medidas necessárias para combater o vírus. Algo que passa, primeiro, pela derrubada de Bolsonaro.

AVANÇAR

## A luta não pode parar agora! Vamos até a queda do governo!

O que se iniciou neste dia 29 é uma missão histórica das mais importantes. Aquela energia que sentimos nas ruas não pode se dispersar. Bolsonaro e a ultradireita não darão trégua. As ameaças de autogolpe, inclusive, seguem sendo feitas. Então, é preciso avançar na luta, organizando uma greve geral sanitária.

É preciso promover mobilizações e assembleias por todo o país.

Precisamos de um novo dia de luta. E fazer todo o possível para que mais gente se junte pela derrubada de Bolsonaro. As direções das grandes entidades do movimento, como CUT, UNE etc., têm que fazer isso.

Transformar a eleição de 2022 na salvação da vida dos trabalhadores, como faz o PT, é uma enganação. É preciso a mais ampla unidade para derrotar o Bolsona-

ro nas ruas. Mas, hoje, o que a oposição parlamentar (de todos os partidos) faz é tentar impedir que os ânimos do país transbordem. Não querem que nada saia do seu controle, para ir sangrando Bolsonaro até a eleição.

Esta é uma ideia burra e perigosa, pois ninguém sabe exatamente como será o dia de amanhã e esta tática não garante sequer a vitória sobre o Bolsonaro. Muito

menos sobre a ultradireita e, menos ainda, atende aos interesses dos trabalhadores.

Cabe a pergunta: À custa do que e de quem estão tramando pelas costas dos trabalhadores, enquanto milhares estão tomando as ruas? Temos que derrotar Bolsonaro, hoje, agora e já! Isso salvará vidas, enterrará ameaças e colocará a possibilidade de superarmos todas as alternativas li-

mitadas que temos diante de nós.

O PT quer, sob o manto da luta contra Bolsonaro, manter a situação sob controle, atrair os ativistas e tentar construir um grande consenso em torno de uma candidatura em aliança com grandes setores da burguesia. Essa política de Frente Ampla, para fazer um governo capitalista, não significa derrotar a direita; mas, sim, capitular a uma parte dela.



## ENTREVISTA

# “O povo quer botar o governo para fora, mas também quer pôr fim no regime autoritário. Por isso ainda está nas ruas.”

No dia 28 de maio, quando completava exatamente um mês da Paralisação Nacional que sacode a Colômbia, o Opinião Socialista entrevistou Pedro Londoño, militante do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), organização irmã do PSTU e seção colombiana da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI). Pedro, que também é membro da Coordenação Sindical de Solidariedade de Cartagena, falou sobre este vigoroso processo revolucionário e as propostas do PST para fazê-lo avançar.



**WILSON HONÓRIO DA SILVA,**  
DA REDAÇÃO

**OPINIÃO:** As mobilizações já derrubaram a reforma tributária apresentada pelo presidente Iván Duque, o ministro da Economia e a ministra das Relações Exteriores, diante dos protestos internacionais contra a repressão. Por que o povo colombiano continua nas ruas?

**Pedro Londoño** – A juventude trabalhadora, popular e estudantil está dizendo “basta” para este governo e tudo o que ele representa. Com o governo de Iván Duque, os massacres e o assassinato seletivo de lutadores, o desemprego, a miséria e a repressão aumentaram, enquanto as vinte famílias mais ricas do país viram suas fortunas crescerem. Essas dificuldades têm vitimado principalmente as mulheres e os jovens, assim como os imigrantes, dentre os quais o subemprego e a pobreza são maiores.

A isso se soma a corrupção, já que a própria burguesia, ao elaborar o orçamento anual, destina 20% do mesmo ao que eles chamam de “a marmelada” [esquema de favores, benefícios e privilégios dados aos parlamentares na forma de recursos para suas regiões]. E, enquanto eles isentam um punhado de capitalistas do pagamento de impostos e lhes dão subsídios, querem que os trabalhadores e os pobres paguem pelos estragos produzidos pela

crise econômica. A reforma tributária foi apenas a faísca que ateou fogo no campo. A verdade é que os problemas estruturais são mais graves. O povo quer botar o governo para fora, mas também quer pôr fim no regime autoritário. Por isso ainda está nas ruas.

A repressão, principalmente nas mãos dos Esquadrões Móveis Antidistúrbios (ESMAD), tem sido violentíssima. Contudo, também deu origem à organização das “Primeras Líneas” (“Pelotões de Frente”), os comitês de autodefesa. Como eles funcionam? Como o PST tem atuado nestes comitês?

**Pedro Londoño** – Na Colômbia, existe aparentemente um regime democrático, porque há eleições a cada quatro anos. Mas na realidade há um regime profundamente antidemocrático, que resultou no assassinato de quase dez mil ativistas nas últimas décadas, mil deles após o processo de paz com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

Temos levantado a necessidade de os trabalhadores organizarem uma “guarda operária e popular” para que possamos defender nossos dirigentes e nossas organizações. Nunca concordamos com o que as organizações guerrilheiras faziam, tentando substituir a ação das massas. Hoje é diferente. A ação dos milhares de combatentes nas barricadas ou blo-



queios de estradas, seguindo o exemplo dos chilenos, se generalizou em todo o país. São jovens com escudos feitos a mão, capacetes de bicicleta, fome e muita coragem. O apoio da população a esses bravos combatentes se reflete no fato de que as mães dos que participam também fazem parte das Primeras Líneas como apoio. As pessoas também estão se organizando em outros níveis, criando brigadas de saúde, de alimentação, de primeiros socorros etc. Nós, do PST, estamos organizando uma campanha de solidariedade com eles e os defendemos em todos os espaços em que atuamos.

**O PST tem defendido que o futuro desta luta está na**

**auto-organização, com independência de classe e democracia operária. Você poderia nos falar sobre isso?**

**Pedro Londoño** – À medida que a mobilização se torna mais generalizada, as comunidades começam a se organizar. Há alguns setores em que o processo é mais profundo, como em Cali ou Bogotá, mas isso está apenas começando a se desenvolver em todo o país. Por exemplo, em Cartagena os trabalhadores desempregados estão se organizando para exigir que uma porcentagem importante da força de trabalho que está próxima às empresas seja contratada pelas indústrias locais. Temos ajudado nesse processo de organiza-

ção, o que nos permitiu, por exemplo, realizar atividades de bloqueio na zona industrial do Mamonal, um importante centro petroquímico e de produção de alimentos no país. Também estamos impulsionando as assembleias por bairros, que começaram a se generalizar.

**O PST também tem defendido a necessidade de uma greve geral que paralise a produção. Como está essa discussão no movimento?**

**Pedro Londoño** – O setor de trabalhadores sindicalizados mais engajado na paralisação é o dos professores. A vanguarda do processo são os jovens e os moradores dos bairros populares que per-





deram tudo, ou seja, que não têm oportunidade para estudar ou trabalhar. Mas acreditamos que isso deve levar a uma paralisação da produção, pois é o que mais dói para esta burguesia assassina.

Para nós, este salto pode ser dado pela classe trabalhadora ao entrar de forma mais consciente na luta, por meio de suas organizações e métodos. Por essa razão, defendemos uma greve geral ou a paralisação dos setores produtivos como um passo fundamental para dar fôlego à paralisação e fortalecê-la. Essa é também uma forma de desafiar a burocracia sindical sem deixar de impulsionar o processo popular. Ao contrário das ações das lideranças sindicais majoritárias e do Comando Nacional da Paralisação (CNP), que são vistos pela vanguarda como burocráticos e intrusos, os lutadores populares veem o chamado a uma greve geral como uma necessidade. E essa tem sido uma de suas exigências ao movimento sindical. Mesmo em meio à desconfiança em relação às direções, os ativistas veem esse chamado como um apoio.

**O CNP, aliás, está em negociações com o governo.**

**Qual é a avaliação do PST sobre isso? Como a proposta de convocação de uma reunião de emergência se contrapõe a essa situação?**

**Pedro Londoño** – Enquanto o Comando Nacional supostamente exige garantias para a mobilização, o governo e seus grupos paramilitares (que são as mesmas agências de segurança do Estado vestidas com roupas civis) têm assassinado e reprimido os protestos. Somos contra essas negociações. A burocracia está oferecendo uma tábua de salvação ao governo em meio a uma crise gravíssima.

nos unificando para convocar uma Assembleia Nacional Popular nos dias 6 e 7 de junho.

**O PST defende que a saída para a atual crise na Colômbia depende da luta pela construção de um governo operário e popular. Como o partido tem levado esse debate para o movimento e quais são as bases programáticas que defende?**

**Pedro Londoño** – Temos levantado que a primeira tarefa é tirar o governo assassino de Duque e também o ministro da Defesa. Além disso, exigimos que todos os responsáveis pela

repressão sejam punidos e que a ESMAD seja desmantelada. Também queremos a derrubada das reformas trabalhista e previdenciária, hoje materializadas num decreto presidencial. Mas a solução para nossos problemas não pode parar aí. Precisamos de um governo operário e popular que cancele o pagamento da dívida externa e ponha todos esses recursos a serviço da geração de empregos. Precisamos revogar as leis antiope-rárias, combater a miséria e a pandemia da COVID, implementando uma vacinação em massa. Também é preciso romper todos os tratados internacionais que

**“ Mas a solução para nossos problemas não pode parar aí. Precisamos de um governo operário e popular ”**

Mas esse Comando representa apenas um pequeno setor daqueles que estão na luta – as burocracias das centrais sindicais – que se nega a expandir o Comando Nacional ou a convocar um Encontro Nacional para unificar todos os setores. Eles têm assumido o direito de representar a todos, mas não os consultam. Devido a esse comportamento burocrático, muitos setores não se sentem representados no Comando e estamos juntos

repressão sejam punidos e que a ESMAD seja desmantelada. Também queremos a derrubada das reformas trabalhista e previdenciária, hoje materializadas num decreto presidencial. Mas a solução para nossos problemas não pode parar aí. Precisamos de um governo operário e popular que cancele o pagamento da dívida externa e ponha todos esses recursos a serviço da geração de empregos. Precisamos revogar as leis antiope-rárias, combater a miséria e a pandemia da COVID, implementando uma vacinação em massa. Também é preciso romper todos os tratados internacionais que



nos prendem ao imperialismo e expulsar as bases militares dos EUA de nosso território.

**VEJA MAIS**



**CLIQUE NO QR-CODE AO LADO PARA CONHECER A ÍNTEGRA DO PROGRAMA DO PST**

**LEIA NO SITE:  
HTTPS://PSTU.ML/ZXH1N**



## mural

CAMPANHA

# Argentina: liberdade para Sebastián Romero

No último dia 31 de maio, ocorreu um ato em Buenos Aires, na Argentina, em defesa da liberdade do ativista Sebastián Romero, militante do PS-TU-Argentina e perseguido político. O ato reuniu uma série de entidades e organizações de esquerda, na data que marcou um ano da prisão do ativista.

Romero é perseguido pelas autoridades do país desde dezembro de 2017, por sua participação num grande protesto contra a reforma da Previdência, do então governo Macri. Foi preso em junho de 2020 e, após uma intensa campanha, dentro e fora do país, conquistou o direito à prisão domiciliar, em agosto do mesmo ano. No entanto, segue sendo um pri-



sioneiro político, agora sob o governo de Alberto Fernández.

Sua prisão é parte do processo de criminalização das

lutas e dos lutadores no país. Processo que acarretou no encarceramento, por mais de um ano, de Daniel Ruiz, também

militante do PSTU, e que atinge outros ativistas. Durante o ato, Sebastián Romero enviou uma mensagem, por áudio, em que

disse: “As únicas ferramentas que temos para conseguir uma verdadeira justiça são a mobilização, a organização e, se necessário, a autodefesa frente ao Estado repressor.”

Como afirma nota da seção argentina da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-CI), “sua prisão é uma forma de criminalizar os protestos sociais e uma tentativa de dar uma lição a quem decide lutar por melhores condições de vida. Sebastián não é o primeiro nem o único, são milhares os perseguidos e detidos pelos governos e Estados. Quando os povos se levantam e dizem ‘basta!’ à miséria e às injustiças, como na Colômbia e no Chile, a resposta é repressão e mais ajuste, com métodos sanguinários e violência sexual.”

RAÇA E CLASSE

## O racismo nosso de cada dia

Dois casos de agressões praticadas por PMs contra homens negros viralizaram pelas redes sociais, no último fim de semana.

Um desses aconteceu em São Paulo, quando policiais pararam quatro jovens negros, os ameaçaram, os insultaram e os agrediram. Um dos policiais disse para um dos jovens: “Tá pensando que você é quem? Quem é você aqui, rapaz? Você não é ninguém! Baixa a bola, negão. Baixa a bola. Pra mim você não é porra nenhuma mesmo, não!”. Logo após um dos jovens ter dito que os policiais estavam sendo racistas, um dos PMs desferiu um soco contra ele, que desabou no chão, desacordado.

O outro caso aconteceu no interior de Goiás, onde o ciclista negro Filipe Ferreira fil-

mava manobras de bike para postar no YouTube. Ele foi abordado, ameaçado e algemado sem ter feito absolutamente nada, a não ser dito “tô filmando, aqui, meu rolê!”. Ele chegou, inclusive, a tirar a camiseta para mostrar que não estava armado. E mesmo sem oferecer qualquer resistência, Filipe ainda foi ameaçado pelo policial que esbravejou com arma em punho: “resiste pra você ver o que vai acontecer contigo”.

Devemos exigir que esses policiais e seus comandantes sejam afastados da corporação, julgados e punidos. Não podemos mais conviver com aqueles elegem negros e negras como ameaças, justamente para nos punir e nos assassinar.

Não devemos deixar passar batido mais nenhum des-

ses casos de racismo, mas é preciso ir ao seu centro de irradiação: a burguesia e seu sistema capitalista. Toda a energia que a luta antirracista impôs ao mundo desde o assassinato de George Floyd deve ser canalizada nessa direção.



Uma coisa está ligada a outra e nossas lutas contra ambas devem também ser combinadas. E não só a luta dos negros, mas do conjunto dos trabalhadores, pois é um problema do conjunto da nossa classe, que afeta a sua maioria absoluta.

LANÇAMENTO



No dia 10 de junho ocorre o lançamento do livro sobre a história de um dos mais tradicionais sindicatos operários do país. Acompanhe pelas redes do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos.



## POLÊMICA

# O progressismo e a ilusão com a solidariedade dos países imperialistas

**BERNARDO CERDEIRA,**  
DE SÃO PAULO (SP)

**A** pandemia de COVID-19 escancarou a situação dos países pobres no sistema capitalista mundial. Já se passaram quase seis meses desde a criação de vacinas contra o vírus, uma inquestionável vitória da ciência. Contudo, a vacinação só avança nos países ricos como Estados Unidos, Reino Unido e Israel. O Reino Unido é o que mais vacinou (78,58 a cada 100 pessoas), seguido dos EUA (78,22 a cada 100 pessoas).

Do outro lado, Índia, grande parte da Ásia, América do Sul, Turquia, Irã e toda a África estão esperando as vacinas com urgência. Além disso, na maioria desses países faltam respiradores, oxigênio e suprimentos médicos para atender os pacientes internados com a doença.

Países de baixa e média renda receberam pouquíssimas doses de vacina. Todos

dependem da iniciativa Covax, coordenada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que está parada porque a Índia, maior fabricante de vacinas, está enfrentando uma terrível onda da pandemia.

No início de abril, apenas 0,2% das mais de 700 milhões de doses de vacinas administradas em nível global foram aplicadas em países de baixa renda, enquanto nações de renda alta e renda média alta respondiam por mais de 87% das doses de acordo com o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus.

Em países pobres, apenas uma em mais de 500 pessoas recebeu a vacina para a COVID-19 em comparação com quase uma em cada quatro pessoas em países de alta renda. Tedros descreveu o contraste como um “desequilíbrio chocante”.

“Alguns dos 92 países de baixa renda não receberam nenhuma vacina, nenhum recebeu o suficiente, e agora ou-

tros não estão recebendo seus lotes de segunda dose a tempo”, disse Tedros num evento de doadores globais em 15 de abril deste ano.

## PANDEMIA FAZ CRESCER A LEGIÃO DE FAMINTOS

A crise econômica e social intensificada pela pandemia agravou de modo terrível o pesadelo da fome. O capitalismo imperialista, com toda a ciência e a produção de alimentos, é incapaz de erradicar a fome no mundo. Já em 2019, a última edição do relatório O Estado da Insegurança Alimentar e Nutricional no Mundo estimava que quase 690 milhões de pessoas passavam fome.

Em outubro de 2020, em mensagem para o Dia Mundial da Alimentação, o secretário-geral da ONU Antônio Guterres alertou que uma em cada nove pessoas no mundo não tem comida suficiente para se alimentar de forma adequada. A FAO informa que 821 milhões de indivíduos passa-



LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/H9ND7](https://pstu.ml/H9ND7)

vam fome em todo o planeta. A maioria, mulheres e jovens.

Cerca de 155 milhões de crianças estão sofrendo de malnutrição crônica e poderão sofrer os efeitos do nanismo ao longo de toda a sua vida. A fome

causa quase metade de todas as mortes de crianças em todo o mundo. “Isso é intolerável”, disse Guterres. Em 2021, por efeito da pandemia, estima-se que a esse número podem somar-se 115 milhões de pessoas.

## ILUSÃO

# Os progressistas pedem solidariedade com os países pobres

Diversas organizações e intelectuais “progressistas”, as agências da ONU e o papa pediam uma ação de solidariedade com os países pobres do mundo.

Um ano atrás, quando a pandemia de COVID-19 ainda estava em seu início, Tedros Adhanom Ghebreyesus enfatizou que uma abordagem global seria a única saída para a crise. “O caminho a seguir é o da solidariedade: solidariedade em nível nacional e solidariedade em nível global”, disse Tedros em coletiva de imprensa em abril de 2020.

O Papa Francisco, em carta aos participantes do fórum

de primavera do FMI e Banco Mundial, datada de 4 de abril, declarou: “A noção de recuperação não pode se contentar com o retorno a um modelo desigual e insustentável da vida social e econômica, onde uma minúscula minoria da população mundial detém metade da riqueza.” Segundo ele, um espírito de solidariedade global “exige, no mínimo, uma redução significativa do fardo da dívida das nações mais pobres, que foi exacerbada pela pandemia”.

O economista Thomas Piketty, autor do livro *O Capital no século XXI*, afirmou em um artigo: “(...) todo o sistema econômico internacional deve ser



Economista Thomas Piketty autor de *O Capital do Sec XX*

repensado em termos dos direitos dos países pobres se desenvolverem e não se deixarem mais saquear pelos mais ricos.”

No entanto, esses apelos aos países ricos e essas declarações dos progressistas tem sido em vão. Não tiveram nem têm ne-

nhum efeito, porque os países ricos se recusam a tomar medidas de solidariedade diante de um quadro cada vez pior.

Além de inúteis, os apelos à boa vontade não correspondem à gravidade de uma situação que só piora. Destruição crescente do meio ambiente, que vem gerando o aquecimento global e constantes epidemias até desencadear a pandemia; crise sanitária com mais de 3 milhões e meio de mortos, 170 milhões de infectados (em números sabidamente subnotificados); crise econômica e social; desemprego e fome crescentes. O mundo está diante da barbárie.



**CAPITALISMO**

# A essência do imperialismo é exploração e opressão, não solidariedade

Contar com a boa vontade dos países ricos e a solidariedade com os pobres e famintos vai contra a natureza do sistema capitalista imperialista.

Os países ricos (países imperialistas como é mais correto chamá-los) vivem da exploração dos trabalhadores e das riquezas naturais dos países pobres. Pagam salários miseráveis aos trabalhadores da China, do Vietnã, do Bangladesh, do Brasil e de outros países e levam petróleo, minério de ferro, cobre, urânio e ouro a preço de banana.

É principalmente daí que vêm os enormes lucros das multinacionais sediadas nos países ricos. Os países imperialistas vivem cada vez mais das remessas desses lucros, dos juros altos de empréstimos abusivos, pagamento de patentes, de royalties etc.

Só dessa forma esses estados que reúnem a população de apenas 15% da humanidade (EUA, Europa Ocidental, Canadá, Austrália, Coreia do Sul e outros) conseguem propiciar um alto nível de vida à população dos seus países (mas até nos mais ricos a pobreza interna vem crescendo de forma acelerada). A riqueza de alguns se baseia na pobreza e na miséria da maioria do mundo.

A maior prova desse sistema perverso é a ação dos países imperialistas em relação

à crise da falta de vacinas. Índia e África do Sul, apoiados por 100 países, propuseram a quebra de patentes para que as vacinas pudessem ser produzidas por todos os países que tenham laboratórios em condições de produzi-las.

Os Estados Unidos (que têm o dobro de vacinas necessárias para vacinar sua população) chegou a concordar com uma suspensão temporária e breve das patentes, mas logo a abandonou. Não houve acordo no G20: a União Europeia e o Japão foram contra.

Essa posição da maioria dos governos dos países ricos reflete a pressão das grandes empresas farmacêuticas (Pfizer, BioNTech, Moderna, AstraZeneca, Johnson & Johnson, Sinovac) que estão ganhando bilhões de dólares com a pandemia. Só a BioNTech, uma empresa pequena e desconhecida até pouco tempo, passou a valer US\$ 5 bilhões com a vacina. São os verdadeiros mercedores da morte.

A contradição é que, com a falta de vacinas, o vírus continua circulando no mundo, a economia continua em crise e a destruição de vidas e empregos continua. O imperialismo é como o escorpião da fábula: sua natureza é predadora e assassina, mesmo que isso signifique se afogar junto com toda a humanidade.



Os apelos dos progressistas a um suposto sentimento de solidariedade dos países ricos levam ao extremo a lógica de limitar suas propostas a reformas que não ultrapassem os limites do sistema capitalista, buscando humanizá-lo, o que é impossível. Dizemos que é levar ao extremo essa lógica porque, como não há nem pode

haver um governo mundial que os progressistas possam conquistar e a ONU depende dos países ricos, resta a eles apelar à consciência e à boa vontade dos governos imperialistas, o que só revela sua impotência.

Há um objetivo por trás dessa política: criar uma ilusão de que o mundo capitalista, tal qual é, pode avançar

com a “cooperação” de todos os países, uns ajudando os outros, sem guerras, destruição da natureza, fome e miséria. Assim, os progressistas tentam enganar os trabalhadores e os povos dos países pobres de que devem confiar em nossos piores inimigos: os governos imperialistas que nos exploram e oprimem.

**TAREFA**

## A única saída é romper com o imperialismo



A única saída para os países pobres e dependentes é que todos rompam as amarras econômicas, políticas e militares que os atam aos países imperialistas. Isso significa entre outras coisas: quebrar todas as patentes para obter vacinas para todos; não pagar as dívidas externas e públicas para garantir comida, saúde e educação; nacionalizar todas as riquezas naturais; estatizar o sistema fi-

nanceiro e expropriar todas as subsidiárias das empresas multinacionais, colocando esses setores sob controle dos trabalhadores.

Medidas desse tipo só podem ser feitas pelos trabalhadores e pelos setores populares com muita luta e mobilização como começou a ser feito no Chile e na Colômbia. Essas mobilizações terão de enfrentar a oposição da burguesia nacional,

aliada ao capital internacional de forma estreita. Será preciso realizar verdadeiras revoluções, mas é o único caminho que pode levar à libertação de nossos países dessa opressão.

A verdadeira solidariedade, então, será construída entre os trabalhadores e os povos oprimidos do mundo inteiro para derrotar o capital e acabar com esse sistema de exploração.





## Os griots nunca morrem! Nelson sargento, presente!

Nossa solidariedade aos familiares, amigos e fãs!



WILSON HONÓRIO DA SILVA,  
DA SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

**E**m 2018, lembro-me de comentar com alunos um projeto feito pela Fundação Cesgranrio chamado “Projeto Griôs da Cultura Popular Brasileira”. O objetivo era promover uma roda de conversa entre os griôs da Mangueira (Monarco, Rubem Contefe e Tia Maria do Jongo, entre outros) e crianças e jovens da comunidade, tendo como anfitrião Nelson Sargento, um dos mais importantes dos griôs mangueirenses.

Griots são aqueles ou aquelas (conhecidas também como jelis) que, na tradição africana, são incumbidos de preservar e transmitir as histórias, as lutas, os conhecimentos, as canções e os mitos do seu povo. São os guardiões e as guardiãs da sabedoria, da cultura e da ancestralidade. Nelson Sargento inegavelmente cumpriu esse papel. E não só na Mangueira.

De forma lamentável, contudo, ele se tornou mais uma entre quase meio milhão de vítimas da COVID-19, falecendo no dia 27 de maio, aos 96 anos.

### FILHO DO MORRO, IRMÃO DO SAMBA

Nascido com o sobrenome Mattos em 25 de julho de 1924, tendo passado a infância no Morro do Salgueiro ao lado de seus 16 irmãos, o artista sempre teve seu nome vinculado ao samba carioca, em particular à Mangueira.

Ao lado de Jamelão e Nelson Cavaquinho, o então garoto Sargento, aos dez anos, aprendeu a tocar violão. Foi no samba e na Mangueira que ele se encontrou, quando mal tinha chegado à adolescência, passando a integrar a ala de compositores da escola.

Em 1949, venceu, junto com o padasto, o concurso de samba-enredo da Mangueira com “Apologia ao mestre”, façanha repetida no ano seguinte com “Plano SALTE”. Em ambos os casos, levaram a escola à vitória. Mas foi em 1955 que pai e filho registraram seus nomes na história do samba-enredo ao comporem “Primavera”, também chamado de “As quatro estações do ano”, considerado até hoje um dos mais belos de todos os tempos.

### “AGONIZA, MAS NÃO MORRE”

Nelson não foi apenas testemunho da história do samba

e da cultura popular e negra por quase um século. Atuou de maneira ativa até pouco “antes do suspiro derradeiro” como diz uma de suas músicas mais conhecidas, “Agoniza, mas não morre”.

Diante do seu violão (que de forma impressionante foi o mesmo durante cinquenta anos) ou conversando com ele, passaram alguns dos maiores bambas de nossa história, como Cartola, Carlos Cachça, os revolucionários integrantes de “A Voz do Morro” (Zé Keti, José da Cruz, Paulinho da Viola, Elton Medeiros, Jair do Cavaquinho e Anescarzinho do Salgueiro) nos anos 1960, “Os Cinco Crioulos” (com quem fez um espetáculo antológico em 1966, “Rosa de Ouro”), Clementina de Jesus, Beth Carvalho, Elza Soares, Alcione, Sandra de Sá, Diogo Nogueira, Teresa Cristina e tantos outros.

Nos anos 1960 em particular, vivia-se um momento profundamente rico de nossa história que, como sabemos, foi interrompido de forma violenta pelo golpe militar de 1964. Os shows mencionados acima foram parte do mesmo processo em que se inserem as iniciativas do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional do Estudantes (UNE), das tentativas do Cinema Novo de se aproximar dos setores mais explorados e oprimidos.

Nesse sentido, foi um espetacular griot. Talvez seja



exatamente na sua imensa capacidade de dialogar com diversas vertentes e gerações do samba que resida sua principal contribuição, para além das mais de 400 composições que nos deixou e da imensidade de gente que inspirou e influenciou. “Agoniza, mas não morre” é uma celebração da capacidade de reinvenção do samba, da sobrevivência pela própria renovação.

Escrita em 1979, em meio aos debates sobre os rumos da cultura popular diante da cada vez mais impactante globalização, a letra nos lembra que o samba é “negro, forte, destemido / foi duramente perseguido / na esquina, no botequim, no terreiro”, e que no decorrer da história já tinha sido abraçado pela fidalguia (a nobreza e grã-finagem) do salão, que “mudaram sua estrutura / impuseram outra cultura”.

### UM ETERNO MENINO! UM GRIOT IMORTAL!

Mesmo tendo lutado contra um câncer de próstata nos últimos anos, Nelson Sargento se manteve em atividade até pouco antes de ser internado. Infelizmente, não o veremos em 2022. Mas, com certeza, seu nome sempre estará vinculado à festa mais popular do país. Como ele mesmo disse numa de suas passagens pela Sapucaí, quando perguntando de onde tirava tanta disposição: “Enquanto os meninos que moram dentro da minha cabeça estiverem na ativa, continuarei fazendo algumas coisas.”

Os meninos foram levados ao descanso, mas com certeza seus sambas, seu legado e sua importância para a cultura negra e popular continuarão cantarolando e dançando em nossas cabeças por muito, muitíssimo tempo.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/OY440](https://pstu.ml/OY440)

